

Descrente da banda, mercado especula e dólar fecha em alta

O dólar teve um dia nervoso, ontem, devido a especulações a respeito da política cambial. Embora o presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, tenha declarado de manhã que nada iria mudar no câmbio, o mercado passou o dia movido a boatos sobre mudanças na banda, cuja atual faixa de flutuação limita-se a R\$ 0,88 e R\$ 0,93. No final do dia, o dólar subiu 0,77% em relação à véspera, fechando a R\$ 0,917 para compra e R\$ 0,918 para venda.

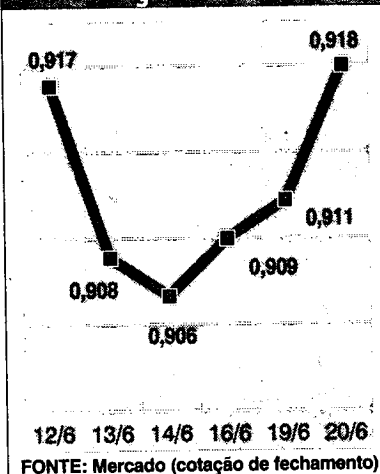


Muitos operadores sentem-se desconfortáveis a respeito da manutenção da banda cambial, por considerarem necessária a desvalorização do real a curto prazo — o que acaba adubando as especulações. Houve boato de que a mudança no câmbio ocorreria ontem à noite, de que o secretário de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros, seria demissionário — o que foi desmentido —, e dúvidas a respeito da garantia de estabilidade da banda por muito tempo, dada semana passada pelo presidente do BC. Como Loyola não cedeu, nas declarações da manhã, os preços limites da banda cambial (R\$ 0,88 e R\$ 0,93), o mercado voltou a confeccionar hipóteses sobre a verdade que suas declarações esconderiam:

— Talvez ele não tenha falado com convicção sobre os limites de R\$ 0,88 a R\$ 0,93, semana passada. É preciso saber com que entonação falou — preocupava-se o diretor de um banco que

Editoria de Arte

Oscilação do dólar



tem obtido altos lucros em operações cambiais.

No mercado de juros, não há expectativa de queda das taxas a curto prazo. Para julho — quando começará a desindexação da economia —, o mercado acredita que as taxas fiquem próximas a 4%, ou seja, estáveis em relação aos 4,04% fixados pelo Banco Central no início deste mês. Acredita-se em estabilidade das taxas porque há expectativa de alta da inflação, devido ao reajuste das tarifas. As previsões para a Fipe, por exemplo, são de cerca de 3,5%.

As bolsas de valores fecharam em queda de 3,2% em São Paulo e de 2% no Rio, influenciadas pelas dúvidas sobre a política cambial e pela queda de 4,8% na bolsa argentina.